

QUEM TEM DIFICULDADES PARA APRENDER? AS EXPERIÊNCIAS DO 3º PIC COM BOXE, JUDÔ E ESGRIMA

Jacqueline Cristina Jesus Martins
EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa

Este relato é fruto das aulas de educação física realizadas com a turma do 3º ano C (3º C) da EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa durante o ano de 2011. A escola está localizada no Jardim Bataglia, na região do Butantã e é composta por 13 salas do Ensino Fundamental I no período da manhã e 12 salas de Ensino Fundamental II no período da tarde. O 3º C é uma turma pertencente ao PIC (projeto intensivo do ciclo), o qual reúne alunos que estão dentro da faixa etária da turma, mas que ao final do 2º ano não alcançaram a hipótese de escrita alfabética. Essa turma é composta por 24 alunos, sendo 6 meninas e 18 meninos. Em geral, os alunos têm bastante dificuldade de aprendizagem e a indisciplina é uma característica que marca esse grupo no interior da escola. A proposta do projeto foi dar maiores oportunidades de aprendizagem para os alunos, visto que o grupo é pequeno e os materiais de ensino vêm de encontro com suas necessidades. É importante lembrar que os componentes são tratados na escola como alunos que não conseguem aprender, indisciplinados e a turma onde não é possível dar aula. Professores, direção, coordenação, ATE (auxiliar técnicos de educação), e alunos que não pertencem a essa turma proferem tais discursos para referir-se a esse grupo.

Através das análises que fiz a respeito dos trabalhos realizados com esses alunos nos anos anteriores e tentando articular as aulas de Educação Física aos objetivos do Projeto Pedagógico (PP) da escola e do PEA (Projeto Especial de Ação), escolhi estudarmos a manifestação corporal lutas. Os objetivos do PP da escola e do PEA visam contribuir para a formação de alunos leitores e escritores do mundo e melhorar a participação da comunidade nas atividades escolares e que a escola participe mais nas atividades da comunidade.

No ano de 2011 a manifestação corporal lutas foi estudada com as três turmas de terceiro ano, com a intenção de mostrar a todos que os alunos do 3º C poderiam sim estudar os mesmos temas que os demais. Dessa forma, a intenção era de contribuir com a desconstrução de alguns rótulos que esse grupo carrega. Ao saber que trabalharíamos com as lutas, a equipe escolar apontava que esses estudos contribuiriam para que os alunos ficassem mais violentos, e que iriam aumentar os conflitos que já existiam na

turma. Contrariando essas falas, alguns colegas apontavam que estudar as lutas seria bom, pois descarregaria as energias dos alunos. Isso me fez perceber que a proposta de educação física apresentada pela SME¹ não é conhecida por grande parte da equipe escolar.

Para a construção do plano de ensino, que norteou o meu trabalho durante esse ano, observei os espaços de práticas corporais que existem no entorno da escola, prestei atenção às falas dos alunos e aos conflitos que aconteceram durante as primeiras aulas do ano, aos objetivos do PP e do PEA e tomei como base as Orientações Curriculares de Educação Física, documento da SME. Dessa forma, o meu plano, pelo menos *a priori* apresentava alguns objetivos que, acreditei que seriam importantes para que os alunos entendessem um pouco mais sobre as lutas. Esse plano foi revisitado em vários momentos do trabalho para que eu pudesse pensar na reorganização das atividades com a intenção de atender aos objetivos propostos inicialmente. Ao final, observei que não foi possível alcançar tudo o que nos propusemos. O projeto lutas teve como objetivos:

- Executar as atividades solicitadas com cuidado consigo e com os companheiros;
- Identificar nas lutas e nas artes marciais os elementos característicos: locais de prática, equipamentos, organização, rituais, vestimentas, grupos sociais que praticam, técnicas utilizadas e formatos dos corpos entre outros.
- Identificar e selecionar as lutas e artes marciais conhecidas pelos alunos;
- Ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca dessas práticas corporais;
- Diferenciar os conceitos: briga, lutas e artes marciais;
- Vivenciar os movimentos utilizados nas lutas e artes marciais estudadas, assim como criar novas possibilidades de movimentos / golpes;
- Adotar a postura de respeito com os colegas independente das diferenças de capacidade física ou questões de gênero.

“O que é luta?”, foi a pergunta que fiz para iniciarmos o trabalho. E as respostas revelaram o entendimento que os alunos possuem a respeito dessas práticas corporais. “Lutar é bater um no outro”; “Na luta nós aprendemos algumas coisas”; “Lutar é dar soco, cotovelada, joelhada e voadora”; “Não podemos usar as técnicas das lutas para brigar nas ruas”. Após ouvi-los perguntei se havia diferença entre lutas e brigas, e os

¹ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental : ciclo II – Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2007.

alunos responderam que existia diferença. Disseram que a presença de juízes e regras, o espaço e o tempo determinado e o uso de uniformes e equipamentos diferenciavam as brigas das lutas. Durante essas falas, uma frase em específico chamou minha atenção: “Briga começa por qualquer coisa e a luta começa com aposta!”, pedi ao aluno que explicasse melhor e ele mencionou a luta do UFC (MMA) que havia acontecido no início do ano entre os brasileiros Victor Belfort e Anderson Silva, na qual muitas pessoas haviam realizado apostas em quem venceria a luta. Essa fala mostrou que o universo das lutas não está tão distante da vida cotidiana dos alunos. Mesmo aqueles que não praticam qualquer luta ou arte marcial, são tocados por esses conhecimentos, e saber mais sobre eles contribuiria para a formação de alunos leitores e escritores de mundo. Afinal, ler e interpretar as práticas corporais fazem parte de uma leitura do mundo.

Para que eu tomasse conhecimentos sobre as lutas que os alunos conheciam realizei um primeiro registro sobre o tema. A atividade continha uma tabela com nome de várias práticas corporais e os alunos deveriam pintar somente os nomes das lutas (Figura 01). É importante lembrar que por conta das dificuldades de leitura e escrita do grupo algumas atividades de registros foram realizadas com o meu auxílio tanto nas leituras como na escrita e, por diversos momentos, os registros foram diferentes das outras turmas, dessa forma eu ajustava as atividades às necessidades do grupo. Em momento algum me preocupei em contribuir no processo de alfabetização dos alunos, mas sim em organizar registros que apontassem o que os alunos conheciam sobre as lutas estudadas, visando contribuir para os encaminhamentos do trabalho.

Figura 01 – Atividade de registro

EMEF TENENTE ALÍPIO ANDRADA SERPA

NOME: _____ SÉRIE _____

PINTE SOMENTE OS NOMES DAS LUTAS:

BADMINTON	TÊNIS	GINÁSTICA	VOLEIBOL
BASQUETEBOL	JUDÔ	TÊNIS DE MESA	FUTEBOL
TAEKWONDO	SOFTBALL	BOXE	JIU-JITSU
HÓQUEI	BEISEBOL	POLO AQUATICO	FUTSAL
CAPOEIRA	FUTEBOL AMERICANO	NATAÇÃO	ESGRIMA

HANDEBOL	LUTA GRECO-ROMANA	CICLISMO	KARATÊ
----------	-------------------	----------	--------

Nas aulas seguintes propus algumas vivências que tinham como o objetivo derrubar o colega e encostar suas costas no chão. Para isso, combinamos as regras que valeriam para aquelas práticas. As disputas eram realizadas pelas duplas escolhidas pela professora. Organizei para as disputas duplas de meninos, meninas e meninas e meninos. Durante as vivências, ouvi comentários: “Contra ela ele ganha fácil!”; “Ih! Ela vai perder!”. Logo, questionei: Os meninos sempre ganham das meninas? E as respostas foram afirmativas, pois os meninos eram mais fortes do que as meninas. Nesse momento coloquei para disputar alunos com tamanhos e pesos bem diferentes, colocando ora meninas maiores com meninos menores e vice-versa. Após essas vivências, perguntei novamente se os meninos sempre ganhavam, e aí as respostas foram que não, que quem ganhava era o maior ou o mais pesado. Durante essas vivências, ao colocar em disputa duplas mistas, as torcidas feminina e masculina se dividiam. E quando aconteceu de uma menina vencer um menino todos os meninos debochavam do perdedor e elogiavam a vencedora.

Nas vivências seguintes, mantivemos as mesmas regras da prática anterior, mas nesse momento quem ganhava a disputa permanecia e desafiava outro colega. Após essa prática questionei: *Como você escolheu o colega que você desafiou? Por quê?* E as respostas foram diferentes, alguns escolhiam o mais fraco para poder continuar lutando, outros escolhiam os mais fortes para uma disputa mais equilibrada, alguns meninos responderam que escolheram meninos, enquanto as meninas escolheram meninas. Então, perguntei sobre as estratégias que tinham usado para lutar, pois durante as disputas percebi que alunos davam dicas para os lutadores. Algumas das técnicas utilizadas foram: *Dar rasteirinhas para derrubar o colega; Agarrar a perna rápido; Empurrar forte.*

Ao retomar a atividade na aula seguinte, os grupos foram divididos por categorias de tamanho, pois a proposta era de tentar realizar disputas mais equilibradas, conforme havíamos visto na nossa primeira vivência. Ao todo tínhamos 3 categorias de acordo com a altura das crianças. As regras das lutas anteriores foram mantidas e quem vencesse ficava e desafiava um colega da mesma categoria. Ao final da aula, questionei se o que estávamos fazendo era uma briga ou uma luta e por quê? Os alunos responderam que era uma luta porque tinha regras, tempo e espaço determinado. Pensando em um outro objetivo que estava no meu plano de ensino - a diferenciação

entre as brigas e lutas - realizamos um registro onde era necessário analisar imagens das brigas e das lutas e nomeá-las.(Figura 02).

Figura 02 – Diferenças entre brigas e lutas

EMEF. TENENTE ALÍPIO ANDRADA SERPA
EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSORA JACQUELINE

NOME: _____ SÉRIE: _____

ESCREVA AS PALAVRAS ABAIXO DE ACORDO COM A SUA OPINIÃO

JUIZ	ESPORTE	GOLPES	TREINO	VIOLÊNCIA
BRIGAS		LUTAS		
XINGAMENTOS	UNIFORMES	REGRAS	DISCUSSÃO	RUA

ESCREVA ABAIXO DA IMAGEM SE É UMA SITUAÇÃO DE BRIGA OU DE LUTA.

Após analisar o primeiro registro feito pelos os alunos, onde deveriam pintar os nomes das lutas, percebi que algumas lutas eram conhecidas pelo grupo enquanto outras não. A esgrima não havia sido identificada como uma luta por nenhum aluno, e por isso resolvi colocá-la em nossos estudos, pois dessa forma contribuiria para a ampliação dos conhecimentos dos alunos sobre as lutas. Inicialmente pensei em trabalhar com diferentes tipos de lutas que trouxessem um pouco da cultura de outros grupos. Essa escolha foi feita através de um processo de votação durante a aula, onde listamos na lousa as lutas que gostaríamos de estudar: boxe, judô, capoeira e sumô. Cada aluno votou em duas e as duas manifestações mais votadas foram eleitas para serem estudadas juntamente com a esgrima.

Confesso que fui surpreendida pela escolha dos alunos. Eu acreditava que a capoeira seria escolhida, pois alguns alunos a praticam e no bairro existem grupos de capoeira, porém optaram pelo judô e pelo boxe, além da esgrima que foi escolhida por

mim após analisar os resultados da atividade inicial. Ainda surpresa com a escolha dos alunos, mapeei no entorno da escola como essas manifestações corporais estavam apresentadas: encontrei uma academia particular onde existem aulas de boxe e de muay-tai, e no final das tardes os atletas correm com os seus trajes na praça do bairro. Há dois locais próximos à escola que disponibilizam atividades esportivas e culturais, e os dois apresentam aulas de judô. A respeito da esgrima não encontrei nada relacionado a essa prática no entorno da escola.

É importante ressaltar que eu não sou e nunca fui praticante de nenhuma dessas modalidades e que para poder realizar esse trabalho precisei pesquisar sobre todas elas. Internet, livros, filmes, revistas especializadas e conversas com praticantes de lutas contribuíram muito para que eu pudesse me apropriar de alguns conhecimentos sobre essas práticas da cultura corporal.

Com a intenção de colocá-los em contato com as diversas possibilidades de informações, levei para a nossa aula diferentes títulos de revistas especializadas em lutas e artes marciais. Distribuí as revistas em grupos para que eles pudessem folhear e fazer perguntas, tirar dúvidas, observar as roupas e os equipamentos utilizados em cada modalidade. A maioria dos alunos não conseguiu ler os textos escritos, restringindo-se à leitura das imagens. Surgiram questões sobre o que eram aqueles potes (comerciais de suplementos vitamínicos) que vinham nas revistas, perguntas sobre as práticas, quais eram as que estavam nas fotos, os golpes, as vestimentas. Como uma forma de registrar aquela atividade pedi aos alunos que desenhassem algo que lhes chamou a atenção nas revistas. Eles apresentaram desenhos de lutadores fortes, reproduziram uma foto da capoeira, desenharam o pote de suplemento, entre outros desenhos interessantes. Perguntei o por que das escolhas dos desenhos, e as respostas variaram: *Era o mais fácil de fazer!; Eu achei esse movimento legal!; Gostei dessa roupa!; Gostei dessa foto!*

No andamento dos estudos, realizamos uma atividade de reconhecimento das lutas através das imagens. Com as fotos que retirei da internet montei um CD e o reproduzi na sala de aula no aparelho de DVD. A cada imagem que aparecia na televisão os alunos as nomeavam, e mostravam qual era o objeto ou movimento que caracterizava aquela luta. Procurei colocar nesse vídeo imagens de diferentes pessoas lutando, homens, mulheres, jovens, crianças e idosos. Após a leitura do vídeo, realizamos uma atividade onde era preciso ligar o nome da luta ao desenho correspondente. (Figura 03)

Figura 03 – Atividade de registro

EMEF TENENTE ALÍPIO ANDRADA SERPA
EDUCAÇÃO FÍSICA

NOME: _____ SÉRIE: _____

LIGUE O DESENHO AO NOME DA LUTA



BOXE



TAEKWONDO



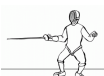
KARATÊ



JUDÔ



ESGRIMA



SUMÔ



LUTA LIVRE

Mais uma vez o olhar sobre as diferenças entre as turmas precisou estar presente, pois para o grupo do 3º C foi preciso colocar os nomes das lutas para que pudessem ligá-los às imagens, enquanto as outras turmas apenas colocaram os nomes embaixo das imagens por conseguir escrever autonomamente.

Optei por iniciar os estudos pelo judô, essa escolha deu-se por saber que alguns alunos da escola praticavam essa modalidade de luta e poderiam contribuir com o trabalho. Logo no início um aluno do 3º ano B nos apresentou como era a sua aula de judô e iniciou nos contando que as primeiras coisas que se aprende no judô são as quedas e rolamentos. Ele nos apresentou os exercícios que costuma fazer na sua aula: cambalhota para frente, cambalhota para trás, rolamento por cima do ombro batendo a mão no chão, cair de costas batendo a mão no chão. Após a apresentação dos exercícios,

os alunos realizaram os movimentos apresentados pelo colega. Para isso disponibilizei os colchões e os alunos se organizaram em grupos, realizando os movimentos um de cada vez dentro do seu grupo. No primeiro momento eu pedia para que experimentassem determinado movimento, e após isso cada aluno podia realizar qualquer um dos movimentos apresentados pelo colega.

Após essa primeira vivência da prática do judô, para poder organizar melhor as atividades, de acordo com algumas discussões que já havíamos feito a respeito das divisões por categorias de peso, realizamos a pesagem dos alunos para poder distribuí-los em categorias. Foram criadas três categorias: de 23 a 28 kg; de 29 a 33 kg e acima de 34 kg. A partir dessas categorias realizamos os dois golpes apresentados pelo aluno do 3ºB: *O-soto-gari* e *De-ashi-harai*². Em duplas, os alunos experimentavam os movimentos dos golpes e aplicavam nos colegas. Em seguida, realizamos as lutas tentando derrubar o oponente com um dos golpes apresentados.

Para ampliar o conhecimento sobre o judô, trouxe para a aula os quimonos usados nas lutas. Apresentei como as faixas são amarradas e como são as pegadas de alguns golpes, pois durante a apresentação do aluno do José³ do 3º B não tínhamos quimonos para demonstrar esses movimentos. Os alunos experimentaram os quimonos, amarraram as faixas e realizaram as “pegadas” utilizadas nos golpes. Realizamos algumas lutas usando os quimonos, e isso contribuiu muito, pois em diversos momentos por não estarem com as roupas apropriadas, não conseguiam aplicar os golpes estudados. Além do uso do quimono, outra atividade didática que contribuiu para melhorar a realização das práticas da luta, foram as observações feitas a partir de um vídeo com as imagens do judô nos Jogos Olímpicos. Apresentei essa atividade ao perceber que uma grande parcela dos alunos nunca havia assistido uma luta de judô. E durante a leitura do vídeo outros elementos da modalidade foram surgindo, como a presença dos árbitros, a pontuação, o tempo de duração da luta.

O judô continuava em nossas aulas e as lutas aconteciam apenas com a utilização de golpes com as técnicas de pés, sempre separados pelas categorias de peso, opção feita por mim para poder organizar as aulas. Após algumas aulas, quando já dominávamos um pouco a realização das lutas, apresentei as técnicas de imobilização. A partir daí, as lutas eram realizadas com os golpes tanto das técnicas de pés como de

² Golpes do judô com as técnicas de pés.

³ Os nomes utilizados no texto são fictícios

imobilização. Pensando em ampliar e aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre a luta estudada, apresentei um pouco da história do judô⁴. Para contribuir com a leitura e entendimento do judô a partir das observações feitas no vídeo com as imagens da competição do judô, apresentei as formas de pontuação, de desempate das lutas e os comandos utilizados nas lutas, que são falados em japonês.

Continuamos lutando o judô utilizando tanto as técnicas de pés como de immobilização, as formas de pontuação e de desempate, tal como havíamos estudado até ali. Mas, em alguns momentos, as meninas lutavam contra as meninas e os meninos contra os meninos. Um pedido das meninas, alegando que nas lutas das olimpíadas eram mulheres contra mulheres e homens contra homens. Essas questões de gênero permearam praticamente todo o trabalho, pois os meninos, sendo a maioria nesse grupo, conseguiam impor suas vontades quase sempre. Por isso achei importante ouvir as opiniões das meninas.

Após essas vivências questionei os alunos sobre o que eles sentiam quando lutavam, e as respostas variaram: *Medo de perder!*, *Vontade de vencer!*, *Medo de me machucar!* ou *Medo de machucar o colega!*. Fiz esse questionamento pensando em um dos objetivos propostos para o trabalho: executar as atividades solicitadas com cuidado consigo e com os companheiros. Conversamos sobre esses sentimentos, apenas um aluno afirmou que sentia raiva durante a luta e que não se importava se machucasse o colega. Nesse momento retomei algumas questões da luta do judô, onde algumas agressões e desrespeito às regras implicam em perda de pontos, o que pode resultar em vantagem para o adversário.

Para contribuir com os nossos estudos, um outro aluno, o João do 4º ano D (PIC), que é praticante do judô apresentou alguns golpes e alguns movimentos que ele faz nas suas aulas de judô. Este aluno nos trouxe outros elementos da luta, diferentes dos apresentados pelo aluno José do 3º B. Novos golpes e outros exercícios de aquecimento foram apresentados. Neste dia, percebi que o João domina apenas a prática dos movimentos desconhecendo as regras da luta, os termos utilizados e os nomes dos golpes. Durante as práticas, os alunos do 3º C ensinavam a ele os nomes dos golpes e a pontuação. Acredito que essa apresentação foi positiva para os alunos do 3º C que puderam mostrar seus conhecimentos a respeito daquela prática, desconstruindo a ideia

⁴ Utilizei como referência a origem do esporte presente no livro Universo Olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas. Eduardo Colli - São Paulo: Códex, 2004

presente na instituição de que os alunos daquela turma não conseguem aprender. Após a apresentação alguns quiseram lutar com o João. Durante as disputas, percebi que a leitura da prática por parte dos alunos melhorou, porém estavam em desvantagem com relação ao tamanho e peso. Em função de um maior conhecimento dos golpes por parte do aluno do 4º ano e da experiência que possui, quase todas as disputas foram vencidas por ele, mas naquele momento os alunos estavam interessados em lutar com um judoca de verdade, independente de ganhar ou perder.

Para finalizar os estudos sobre o judô foi realizado registro escrito abordando as questões da história da modalidade, as regras, como funciona a luta, e os sentimentos que envolvem essas práticas. Observei através das análises dos registros que os alunos estavam entendendo um pouco mais sobre o judô, mas esse registro também me mostrou que nós exploramos apenas o judô esportivizado, afastando-nos das questões das artes marciais e dos princípios filosóficos dessa prática. Acredito que isso deveu-se ao fato de termos utilizado referenciais teóricos, filmes e imagens que apresentavam o judô apenas como um esporte.

Outro item que avaliei ser importante na realização do trabalho está novamente ligado aos registros feitos pelos alunos. Com um olhar um pouco mais atento, onde consegui organizar registros que me possibilitavam enxergar se os alunos estavam conhecendo mais sobre a manifestação estudada, superando as questões de alfabetização dos alunos. Durante os conselhos de classe alguns professores ficaram surpresos com as notas e ao apresentar os registros desses alunos não acreditaram que isso fosse possível. *Como você consegue dar aulas lá? Como você consegue fazê-los registrarem?* O discurso de incapacidade dos alunos permeava o grupo de professores.

Finalizado o trabalho com o Judô, demos início aos estudos do boxe. Para tanto, apresentei alguns trechos do filme *Menina de Ouro*⁵. As cenas assistidas colocaram algumas questões em discussão como o preconceito que as mulheres sofrem na prática do boxe, as dificuldades que alguns lutadores passam para conseguir treinar e a desonestidade dentro das lutas. Esses temas permearam os nossos estudos do boxe durante todo o trabalho. Após essas discussões algumas falas dos alunos me levaram a pensar algumas atividades. Um aluno questionou: *Os homens também treinam assim? Eles fazem isso todos os dias?*. A partir daí, realizamos uma aula semelhante ao treino de um atleta do boxe. Corridas, abdominais, pular cordas, socos no saco de areia

⁵ Eastwood, C – *Menina de Ouro*, Estados Unidos - 2004

(material existente na escola, adquirido por uma doação), esquivas, tudo como visto no filme. Ao final da aula discutimos um pouco sobre a prática do treino, os alunos estavam bem cansados, e afirmavam: *É difícil, cansa muito!; O saco de areia é muito pesado!; A luva é muito dura!*

Após a realização do treino, o estudo do boxe continuou a partir da realização das lutas. Com luvas feitas com colchonetes, pois temos apenas um par de luvas na escola, além dos colchonetes proporcionarem maior segurança aos alunos, realizamos as lutas com apenas 1 assalto de 1 minuto para que eu pudesse fazer as observações sobre o que eles conheciam sobre aquela prática corporal. Os alunos já conheciam o conceito de assalto e sua duração, pois surgiu logo no início do trabalho durante as observações do filme *Menina de Ouro*. Notei que em alguns momentos alguns alunos desrespeitavam as regras dando chutes, socos sem técnicas e a ausência de defesas, quase ninguém tentava escapar dos golpes, apenas disparavam socos de forma indiscriminada. Registrei minhas observações para poder pensar nas próximas ações didáticas, entre elas, notei que os meninos e meninas não queriam lutar uns contra os outros.



Propus uma outra forma de registro a partir da questão sobre a participação das meninas no boxe, lembrando que o assunto havia sido abordado a partir do filme. A atividade consistiu em responder a questão: as mulheres podem lutar boxe? Por quê? Por conta das dificuldades na produção de textos, fizemos esse registro através de um texto coletivo, que ficou assim: *A maioria da classe disse que pode, apenas o Vinícius acha que não. Ele disse que mulher não sabe lutar direito e que os treinadores não gostam de treiná-las. Os outros alunos disseram que elas podem lutar sim, mas entre elas, porque contra os homens eles vão ganhar porque eles são mais fortes!*

Passamos aos estudos dos movimentos do boxe: golpes (gancho, direto e cruzado), esquivas, movimentação de pernas, posição dos braços, entre outros. Essas atividades foram realizadas de diversas formas: com os colegas, no saco de areia, lutas

em duplas sem encostar (espelho) e durante as próprias lutas. As lutas aconteciam divididas pelas categorias de peso, esse formato visou manter uma organização nas aulas. Para facilitar, mantivemos as mesmas categorias utilizadas no judô, mas no boxe optamos por lutar meninos contra meninos e meninas contra meninas, lembrando que no final dos estudos do judô, por uma solicitação das meninas, já havíamos organizado as lutas nesse formato.

Durante as lutas observei que os colegas davam dicas para quem estava lutando, isto é, eles estavam conseguindo ler os gestos do boxe e estavam entendendo um pouco mais sobre aquela prática corporal. A partir daí, conversamos sobre as funções dos técnicos no boxe. Nesse momento, algumas cenas do filme *Menina de Ouro* foram lembradas e nortearam nossas discussões. Passamos a realizar as lutas com o auxílio dos técnicos. As duplas treinavam juntas e nos momento das lutas o colega o auxiliava. Alguns alunos, ao ocupar a função de técnico, conseguiam interpretar as estratégias do oponente dos “seus” atletas e indicavam quais os movimentos deveriam fazer, pediam para manter algumas posições e sempre alertavam sobre a guarda. Outros apenas ficavam dizendo aleatoriamente direita e esquerda. Pude observar que os grupos já se organizavam bem sozinhos, e que as lutas aconteciam com mais preocupação com os movimentos de defesa e ataque.

Ampliando o olhar dos estudantes sobre a modalidade estudada, vimos como funciona uma luta de boxe – equipamentos, desistência, gírias e diferenças entre o Boxe profissional e Boxe olímpico. Notei que os alunos confundem o boxe com o MMA, e que não conhecem lutadores do boxe, apenas um aluno mencionou o Mike Tyson. Pela ausência do boxe na televisão ou de lutadores brasileiros que estejam na mídia, os alunos desconhecem os atletas do boxe. Apresentei-lhes alguns lutadores contando um pouco da carreira / história de cada um entre eles: Muhammad Ali, Mike Tyson, Evander Hollifield, George Foreman e os brasileiros Eder Jofre, Adilson José Rodrigues, mais conhecido como Maguila e Acelino Popó Freitas. Essa apresentação foi feita oralmente em um momento da aula em que estávamos diferenciando os atletas do boxe e do MMA. Ao saber que George Foreman hoje é garoto propaganda de eletrodomésticos, os alunos riam e não acreditaram. Passado esse momento, ao analisar o que aconteceu, percebi que perdi uma oportunidade de ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito dos atletas do boxe. Mas quando notei, o trabalho já estava em outro rumo.

A exibição de um vídeo com imagens do boxe olímpico e do boxe profissional e o registro dessas diferenças possibilitaram uma discussão sobre as duas modalidades, pois já havíamos visto imagens dos dois tipos de boxe no início do trabalho. Passamos a realizar algumas lutas de boxe olímpico, o que não mudou quase nada, apenas que ao invés dos colegas votarem em quem havia lutado melhor, nós escolhíamos as pessoas que ficariam responsáveis em contar quantos golpes cada lutador havia acertado, e venciam quem tivesse mais pontos, como no boxe olímpico. Essa atividade não deu muito certo, pois os alunos acabavam favorecendo um dos oponentes de acordo com as suas relações de amizade. Retomamos a discussão sobre a desonestidade e tentamos perceber como os árbitros precisam ser imparciais. Novamente, as falas dos alunos se relacionaram com o filme *Menina de Ouro*. As questões de desonestidade por parte de uma das lutadoras do filme proporcionou um grave acidente. Alguns alunos afirmavam que tinham alguns alunos ali do grupo que estava sendo desonestos, dando golpes abaixo da linha da cintura, o que não é permitido. Para tentar mudar e melhorar essas atitudes mantive conversas com esses alunos, tentando mostrar a eles que cuidar da integridade física dos seus colegas é algo muito importante na prática das lutas.

Um registro sobre o boxe foi feito contendo algumas alterações com relação aos registros das demais turmas, o que, novamente, me colocou defronte aos conhecimentos dos alunos sobre a prática estudada. A cada registro feito, tão logo era corrigido apresentava as notas aos alunos. Para muitos, essa era a única atividade que mostrava tanto para eles quanto para os seus parentes que eles sabiam alguma coisa. Superando a ideia de que não conseguiam aprender.

Para finalizarmos o trabalho com a temática, assistimos um episódio do seriado *Chaves*⁶: “Seu Madruga luta boxe”, indicado por um aluno que falou que havia assistido na televisão. Novamente pude perceber como as lutas estão inseridas no dia-a-dia dos alunos. Discutimos algumas falas veiculadas: *Esse é um esporte para os selvagens!*, *Esse esporte é a antessala do manicômio!*, e percebemos o quanto essa prática corporal é mal vista pela sociedade. Notamos que em nossas aulas ninguém havia se machucado. Perguntei o que eles pensavam sobre aquela fala. As respostas afirmavam que a presença das regras deixava o esporte mais seguro. Porém, uma aluna afirmou: *As pessoas se machucam sim, pois no filme Menina de Ouro a Meg quebrou o nariz!*, e aí vários alunos citaram passagens do filme onde as atletas saíram sangrando.

⁶ Seriado infantil mexicano apresentado pelo SBT

Parece ter ficado uma dúvida no ar: não é um esporte para os selvagens, mas realmente é a antessala do manicômio? Pesquisei um pouco sobre o tema e percebi que muitos pugilistas acabam por desenvolver algumas doenças por conta de repetidos traumatismos cranianos e que existe uma doença chamada demência pugilística, muito comum em ex-atletas do boxe. Essas informações foram compartilhadas com os alunos apenas oralmente na aula seguinte à exibição do filme e da discussão.

O estudo do boxe foi finalizado com um registro escrito sobre o que aprendemos sobre essa luta, as questões estavam relacionadas ao entendimento daquela prática corporal, como os movimentos permitidos, os golpes, os termos utilizados, os equipamentos. Novamente os alunos se esmeraram nos registros. Percebi que essas atividades estavam contribuindo para a desconstrução de algumas marcas que aquele grupo carregava.

Conforme o planejado no início do trabalho, além do judô e do boxe ainda faltava o estudo sobre a esgrima, escolhida por mim após notar nos registros dos alunos que eles não reconheciam essa prática como uma luta. Introduzi os estudos da esgrima através de uma apresentação oral sobre essa manifestação: o que é; como é realizada; espaços; armas; pontuação. Logo em seguida, partimos para a realização das lutas. Para isso utilizamos espadas de plástico compradas pela escola para a realização do trabalho, tínhamos uma para cada aluno. Em duplas, os alunos realizaram as disputas da forma que conheciam. Nas vivências iniciais utilizamos a regra da espada, que pontua ao ser tocada em qualquer parte do corpo. Durante a prática uma aluna falou: *O Spencer, irmão da Carly, luta esgrima lá no iCarly*⁷!. Como eu não conhecia a série, os alunos me contaram sobre o episódio no qual o personagem Spencer pratica esgrima. Notei que conheciam a prática, porém não tinham muitas informações sobre ela. Puderam reconhecê-la quando viram alguns movimentos.

Nas primeiras vivências, alguns alunos realizavam movimentos parecidos com os de filmes de guerra e, às vezes, derrubavam os colegas no chão e “fincavam” a espada no peito do colega. Eles afirmaram que viram nos filmes que era dessa forma que se lutava com espadas. *Professora, eu assisti o Gladiador, ele usava a espada desse jeito!*. Para eles, todos os tipos de espadas eram iguais. Procurando indicar a diferença, assistimos vídeos retirados da internet com as imagens de campeonatos de esgrima nos

⁷ *iCarly*, série de televisão americana de comédia exibida pelo canal de tv por assinatura Nickelodeon e que no ano de 2011 foi exibido pela Globo.

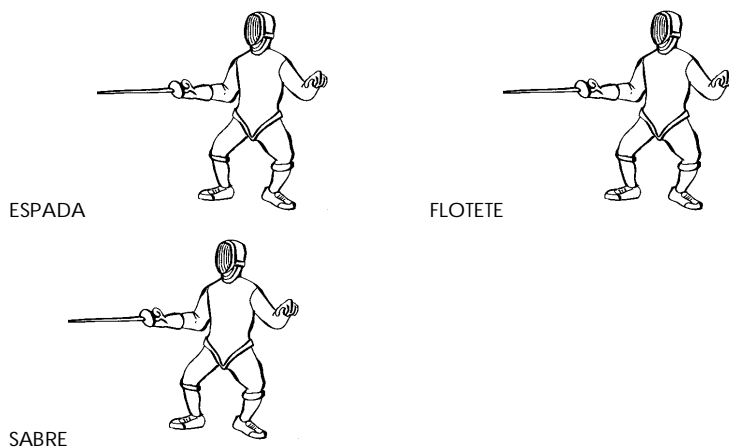
qual foi possível perceber que naquele tipo de luta bastava apenas tocar no outro com a arma que já era marcado um ponto.

Prosseguindo com a esgrima, apresentei algumas técnicas de ataque e de defesa, manuseio dos três tipos de armas (espada, florete e sabre) e as formas de pontuação de cada uma delas. Apesar das armas serem diferentes, nas nossas práticas da esgrima utilizamos a mesma espada, mudando apenas as regras de pontuação.

Para ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca da esgrima, retomamos os mesmos vídeos retirados da internet, mas agora atentos às diferenças existentes nas práticas das lutas com cada uma das armas, o espaços onde as lutas são realizadas (pistas) e os sensores que acendem as luzes de pontuação. Enfim, assistimos o mesmo vídeo mas com outros objetivos. Para registrar essas informações, distribuí um desenho para que os alunos pintassem os locais de pontuação de cada uma das armas. (Figura 04)

Figura 04 – Atividade de registro

PINTE A PARTE DO CORPO QUE CADA UMA DAS ARMAS PONTUA EM UMA LUTA DE ESGRIMA.



Na continuidade, baixei da internet o episódio do seriado *ICarly* onde o Spencer luta esgrima e leva o seu colega Fred para aprender. Os alunos se posicionaram a partir da assistência: *Professora, não pode dar cambalhotas com a espada na mão!; A mãe do Fred lutou com duas espadas, vale?; A mãe do Fred lutou sem o colete, ela poderia morrer não é?* Essas questões me fizeram explicar um outro tipo de esgrima, diferente da esgrima esportiva de competição, a esgrima artística. Expliquei que a esgrima estava presente em alguns filmes e que, nesses casos, o objetivo não é tocar o adversário e

marcar pontos, mas mostrar as habilidades dos esgrimistas dentro do contexto do filme. *O Zorro luta esgrima, depois ele rasga a roupa dos adversários e faz um Z!, Então no ICarly é esgrima artística?* Percebi que os alunos estavam conseguindo diferenciar uma prática da outra.

Dentro da esgrima artística realizamos atividades que visavam proporcionar aos alunos alguns movimentos parecidos com os dois filmes citados. Dentre esses movimentos estavam jogar a espada um para o outro e tentar recebê-la sempre pelo cabo, receber a espada e dar cambalhotas, giros, saltar com as espadas na mão, jogá-la no chão para um colega com os pés e com as mãos, enfim realizamos os movimentos que os alunos afirmavam já terem visto em filmes com espadas.

Diferentemente da esgrima de competição onde deveríamos surpreender o nosso colega para pontuar, na esgrima artística os movimentos devem ser combinados para que cada um saiba o que tem que fazer no momento certo. Para iniciar o trabalho, criei uma cena e todos os grupos deveriam ensaiá-la e apresentá-la. A cena não continha falas, apenas movimentos. Alguns alunos conseguiram realizar, outros grupos não conseguiram nem se organizar para ensaiar. Outros não entenderam e ficavam tentando tocar a espada um no outro. Pensando nessas dificuldades apresentadas, assistimos um trecho do filme Zorro. Na cena assistida, o Zorro duela com uma mulher e a parte artística da esgrima fica bem visível, pois eles derrubam as espadas, ele se defende com um chapéu, um rasga a roupa do outro como provocação. Essa atividade ajudou os alunos a compreender melhor o que era a esgrima artística.

Sugeri que, em grupos, criassem e ensaiassem as próprias cenas. Alguns grupos conseguiram realizar a atividade proposta enquanto outros não. Interessante notar que ninguém apresentou a esgrima de competição, demonstrando que eles estavam conseguindo diferenciá-las.

Para encerrar o estudo da esgrima, realizamos um registro escrito com questões sobre o funcionamento da luta, as regras e as diferenças entre os dois tipos estudados. Diferentemente do que havia acontecido no judô, onde focalizamos a prática esportiva em detrimento das questões filosóficas concernentes, no estudo da esgrima conseguimos romper com a visão apenas da luta enquanto esporte, estudando a esgrima como uma forma de arte e encenação.

Caminhando para a finalização do trabalho com as lutas, solicitei um registro coletivo sobre as diferenças e as semelhanças entre as três modalidades. Pude perceber, através das falas e dos registros, o quanto os alunos aprenderam. Durante todo o

trabalho filmei momentos das lutas, e como atividade final, assistimos as imagens e analisamos as práticas. Novamente, foi possível observar o quanto os alunos ampliaram o seu olhar sobre as práticas corporais estudadas.

Em uma avaliação final do trabalho, percebi que não conseguimos alcançar todos os objetivos propostos no início e que a articulação com PEA também não foi feita. Mesmo tendo verificado a presença no bairro de elementos que permitiriam fazer essa articulação, durante nossos estudos não consegui propor momentos para que essa aproximação acontecesse.

Notei, também, que a presença dessas três lutas no currículo gerou uma certa instabilidade no contexto escolar. Enquanto os estudos se debruçavam sobre o judô, prática bem vista pela maioria das pessoas, pois está cercada por um discurso de disciplina e respeito, o trabalho era bem visto, sem questionamentos. No momento em que o boxe passou para dentro da escola, essa prática já não foi tão bem vista assim. Falas como: *Isso não é muito violento?; Por que trabalhar com o boxe? Eles já vivem se socando!*, permearam momentos de discussão sobre o trabalho desenvolvido. Essas falas refletem a leitura que alguns professores fazem sobre essas práticas corporais.

Durante todo o trabalho percebi o quanto as lutas, muitas vezes consideradas distantes do nosso cotidiano, permeiam o nosso dia-a-dia. Desenhos animados, seriados infanto-juvenis, reportagens em programas esportivos e filmes com as presenças dessas práticas adentram nossas casas, e muitas vezes não temos conhecimentos para conseguir entendê-las e interpretá-las. Avalio que o trabalho realizado com o grupo do 3º C contribuiu para que os alunos desse grupo pudessem fazer novas leituras e interpretações dessas práticas. Além dessas novas possibilidades de leituras de mundo, o trabalho aqui descrito conseguiu apresentar tanto para os próprios alunos, como para a equipe escolar que os alunos do 3º C aprendem como todos os outros.